



ANDREO, Igor Luis. **Teologia da libertação e cultura política maia chiapaneca: O Congresso Indígena de 1974 e as raízes do Exército Zapatista de Libertação Nacional.** São Paulo: Alameda, 2013, 313p. ISBN: 978 85 7216 618-8.

Luis Martínez Andrade*

Durante os anos noventa, as medidas neoliberais se agudizaram por meio do programa conhecido como Consenso de Washington, que implicou a privatização de empresas estatais, o corte de gastos em questões sociais, a desregulamentação dos mercados e a abertura ao livre-mercado. Nesse sentido, o Tratado de Livre Comércio entre o México e os seus homólogos norte-americanos (EUA e Canadá), que entrou em vigor a partir de primeiro de janeiro de 1994, consolidou o modelo neoliberal. No entanto, um levante armado protagonizado principalmente por comunidades indígenas do sudeste do México veio a sujar o quadro que a globalização do dinheiro queria apresentar: a entrada do México no Primeiro Mundo. A tragédia e a farsa dos vários governos neoliberais foram denunciadas pelas comunidades indígenas do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN).

Resenha recebida em 23/01/2014 e aprovada em 18/02/2014..

* Doutorando em Sociologia (École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS, Paris). En 2009, recibió el primer premio del concurso Internacional de Ensayo "Pensar a Contracorriente". Autor del libro, *Religión sin redención. Contradicciones sociales y sueños despiertos en América Latina*. Ediciones de Medianoche-Universidad de Zacatecas. País de origen: México. E-mail: luisma_andrade@hotmail.com.

Este levantamento insurgente marcou um ponto de viragem, não somente na história dos movimentos insurgentes na América Latina, mas também influenciou o movimento que floresceu em oposição à globalização neoliberal – referimo-nos aos movimentos altermudistas. A partir de então, traços do neozapatismo podem ser rastreados nas manifestações contra a Organização Mundial do Comércio em Seattle (1999) e movimento de “Los Indignados” na Espanha (2011), por exemplo, no uso de novas tecnologias (especialmente a Internet), nas formas de organização (horizontalidade, assembleias, democracia direta) e, até mesmo, chegando às ações diretas. Algumas das frases como "Um mundo onde caibam muitos mundos", "Já basta", "Para todos tudo", não podem deixar de fazer-nos pensar nos slogans lançados pelos indígenas encapuzados do EZLN. Da mesma forma, deve-se notar que já no verão de 1996 o EZLN organizou o "Encontro Intergaláctico pela Humanidade e contra o Neoliberalismo" com a participação de cerca de quatro mil pessoas de 42 países, estabelecendo um precedente para a reunião posterior, em Porto Alegre, que daria nascimento ao Fórum Social Mundial.

O levantamento insurgente neozapatista não foi um evento espontâneo, mas o resultado de várias tradições de resistência das comunidades indígenas. Para entender a gênese desse movimento é preciso mencionar alguns fenômenos socio-históricos que contribuíram para a sua configuração atual, por exemplo:

a) *Memória e tradição*. As derrotas da Confederação Asteca (1521) e do Império Inca (1533) implicaram a Conquista e Evangelização (colonização das almas) por parte do poder hispânico sobre as comunidades indígenas do continente. No entanto, os povos indígenas nunca capitularam e continuaram a praticar várias formas de resistência, chegando inclusive até aos levantes armados. No México, por exemplo, somente no século XVIII eclodiram vários movimentos indígenas entre as populações maias dos estados de Yucatán e Chiapas, destacando a Grande Rebelião de Cancuc, em 1712, na região dos Altos de Chiapas. Mais tarde, em 1761, a rebelião de Jacinto Canek (um indígena que havia sido educado pelos franciscanos) abalou

os alicerces da dominação colonial em Yucatán. O século XIX não foi exceção, e a guerra do povo Yaqui contra o governo mexicano demonstrou que os indígenas haviam sido marginalizados do projeto nacional. A independência da América Latina não significou uma mudança substancial no status material e simbólico dos povos indígenas. Nesse sentido, as utopias, o componente milenarista, lendas e mitos de origem contribuíram para fornecer sentido às lutas camponesas. No caso do Exército Zapatista de Libertação Nacional, a figura do líder camponês revolucionário Emiliano Zapata (assassinado em 1919) foi recuperada. Aqui, a tradição não cumpre um papel reacionário, mas emancipador. Escusado será dizer que a visão de mundo indígena (imaginário maia) resgata valores pré-capitalistas (comunidade, valor de uso, etc.) diametralmente opostos ao sistema capitalista.

b) *Celebração dos 500 anos da resistência negra, indígena e popular no continente*. Não há dúvida que a esperada celebração do "encontro entre dois mundos" em 1992 desempenhou um papel importante para o surgimento do movimento indígena não só no México, mas em toda a América Latina. Enquanto os governos neoliberais, os grupos crioulos e as elites organizavam atividades para celebrar os cinco séculos dos "descobrimientos", à contracorrente dos eventos oficiais movimentos indígenas (na Bolívia, Equador e Peru) e camponeses (MST) decidiram prestar homenagem à secular resistência negra, indígena e popular. Sabemos que a ideia original do EZLN era realizar o levantamento armado em 1992, mas por questões logísticas (um comando EZLN havia sido descoberto pelos serviços de inteligência mexicanos) foi necessário esperar até 1º de Janeiro de 1994, dia da entrada em vigor do Tratado de Livre Comércio.

c) *Marxismo heterodoxo latino-americano*. Em sua célebre antologia "O marxismo na América Latina", Michael Löwy afirma que "o marxismo na América Latina foi ameaçado por duas tentações opostas: o excepcionalismo indo-americano e eurocentrismo." Por excepcionalismo, Löwy entende a tendência a absolutizar a especificidade da América Latina, sua cultura, história e estrutura social, como fez o APRA (Aliança Popular Revolucionária Americana) sob a

liderança de Haya de la Torre, no Peru. Enquanto que, quanto ao eurocentrismo, Löwy refere-se à teoria que se limita simplesmente a transplantar mecanicamente para a América Latina modelos de desenvolvimento socioeconômico que explicam a evolução histórica da Europa do século XIX. O EZLN é herdeiro do marxismo guevarista: a importância das armas, a ligação orgânica entre os combatentes e os camponeses, o rifle como expressão material de desconfiança dos explorados contra os opressores, a vontade de arriscar a vida para a emancipação das/os pobres.¹

d) *Cristianismo da libertação*. A conquista e seu corolário, a evangelização, foram exercidos por meio da espada e da cruz, no entanto, também houve figuras significativas, como Bartolomé de Las Casas, que tomaram partido pela causa indígena. O cristianismo da libertação, já no século XX, por meio das Comunidades Eclesiais de Base, implicou uma abordagem radical para a missão da Igreja dos pobres, para os pobres e com os pobres na América Latina. Sob a influência do Concílio Vaticano II, o trabalho das comunidades eclesiais da Igreja foi muito significativo para a organização dos trabalhadores, sindicatos, camponeses e movimentos estudantis. Por exemplo, no México, sob a direção do bispo de Chiapas, Dom Samuel Ruiz, uma rede composta por cerca de 2.600 comunidades de base estendeu-se nessa região do país, contribuindo assim para o processo de conscientização das comunidades maias. De fato, em 1974 uma homenagem foi organizada para comemorar o nascimento de Bartolomé de Las Casas na cidade de San Cristóbal de las Casas, em Chiapas, e o evento foi fundamental para a articulação das comunidades indígenas, algumas delas, a posteriori, integrantes do EZLN.

Precisamente sobre esse último ponto, o livro de Igor Luis Andreo é uma grande contribuição para a compreensão não somente da relação entre a Teologia Encarnada (momento decolonial da Teologia da Libertação, seja dito *en passant*) e

¹ LÖWY, Michael. *El marxismo en América Latina: una Antología, desde 1909 hasta nuestros días*. Chile: LOM, 2007, p. 10-64.

as comunidades indígenas maias, mas também para o estudo do processo de conscientização política iniciado em 1974. Acompanhado por um prefácio escrito por Carlos Alberto Sampaio Barbosa, o livro é composto por quatro capítulos.

Em "Samuel Ruiz García ante Teologia da Libertação e os Indígenas de Chiapas", o primeiro capítulo do livro, o autor aborda a trajetória de Samuel Ruiz (1924-2011), para mostrar as mudanças experimentadas tanto na Igreja, em geral, como do pensamento do bispo em particular. Apoiado no trabalho biográfico que realizou Carlos Fazio, Luis Andreo observa a importância que teve para S. Ruiz o Concílio Vaticano II, mas, acima de tudo, o Encontro em Melgar (Colômbia) de 1968. Nesta seção, testemunhamos o movimento sócio-teológico que viveu S. Ruiz por ser um anticomunista ferrenho que se converteu em promotor da luta pela defesa das comunidades indígenas que sofrem opressão material e cultural (p. 122). Embora S. Ruiz tenha se tornado bispo da diocese de San Cristóbal de las Casas no estado de Chiapas em 1960, não será senão em 1968 que a diocese iniciará suas atividades nos aspectos socioeconômicos.

O segundo capítulo, "Descobrir a história salvífica de cada cultura ou aurora Teologia Indígena Chiapaneca", analisa as transformações na formação dos catequistas indígenas. Contando com o precedente da Terceira Reunião promovida pelo Departamento de Missões do CELAM, o Encontro em Xicopec de Juárez no estado de Puebla, realizado em 1970, foi o divisor de águas para o lançamento de um diálogo entre a Igreja Católica e os indígenas. Paralelo a essa reunião, duas atividades foram realizadas (Primeiro Encontro Pastoral sobre a missão da Igreja nas culturas indígenas e o Primeiro Conselho Indígena) que fomentaram a preocupação com a questão indígena. Ademais, Igor Luis Andreo observa que alguns catequistas que participaram dessas atividades, posteriormente, seriam protagonistas no Congresso Indígena de 1974. Deve-se notar ainda que a diocese de San Cristóbal fez um trabalho muito importante com as comunidades tzetzales que haviam migrado para a Selva Lacandona, sendo que essas comunidades nos anos oitenta estabeleceram fortes vínculos com as Forças de Libertação Nacional,

organização político-guerrilheira fundada em 1969. Por meio da análise de dois artigos de S. Ruiz, publicados na década de setenta, o autor mostra a linha político-teológica promovida pelo Bispo de San Cristóbal, ou seja, as preocupações teológico-sociais e ações político-pastorais promovidas a partir de 1968. Nesse sentido, Luis Andreo aponta que é possível encontrar um paralelismo evidente entre os objetivos da evangelização buscada por S. Ruiz e aqueles apresentados em Melgar, mais tarde promovidos e aprofundados pelo Departamento de Missões do CELAM, com as demandas do EZLN (p. 162).

"O Primeiro Congresso Indígena de Chiapas", terceiro capítulo, examina a importância da Teologia da Libertação para a organização e realização do Congresso Indígena de 1974. Assim, o autor reconhece tanto o trabalho realizado pela paróquia de Ocosingo (onde a Catequese de Êxodo nasceu) como o de S. Ruiz na formação, em 1973, de um grupo de pessoas que vinham fazendo um trabalho sério com as comunidades indígenas, resultando na celebração do Primeiro Congresso Indígena de Chiapas Frei Bartolomé de Las Casas, em outubro de 1974. O resultado deste Congresso, diz o autor, foi uma maior união quanto ao enfrentamento dos problemas e uma assistência mútua entre os quatro grupos étnicos diferentes que participaram dele (p. 197). Escusado será dizer que outra das consequências do Congresso foi a instrumentalização, por parte do Estado, expressa por meio do Congresso Nacional Indígena de 1975.

Finalmente, em "Os Maias de Chiapas e o EZLN", o autor descreve algumas características do imaginário maia e sua expressão em uma cultura política específica. Embora Luis Andreo se apoie nos trabalhos de F. Navarrete, de G. Bonfil, J. L. Escalono, entre outros, para compreender a identidade étnica dos maias, é acima de tudo no trabalho de C. Lekersdorf que o autor consegue captar o imaginário e a intersubjetividade na estrutura linguística dos tojolabales, ou seja, a visão de mundo dessas comunidades. Seguindo os trabalhos de Laura Carlsen, o autor destaca a linha de continuidade entre as demandas do Congresso Indígena de 1974 e as exigências do EZLN em sua irrupção de 1994 (p. 271).

Após quase duas décadas de levante armado do EZLN, percebemos que este movimento indígena não deixou de chocar o mundo, uma vez que sempre se encontra em constante transformação. No entanto, para compreender sua dinâmica devemos perceber e compreender as suas pegadas, esses pedaços de história já andada, já percorrida. Nesse sentido, o trabalho de Igor Luis Andreo resulta de grande valor e interesse porque esclarece uma parte pouco pesquisada na formação do EZLN, ou seja, a influência da Teologia da Libertação e da presença do Cristianismo da Liberação em um dos os movimentos mais importantes do fim do século: o neozapatismo.